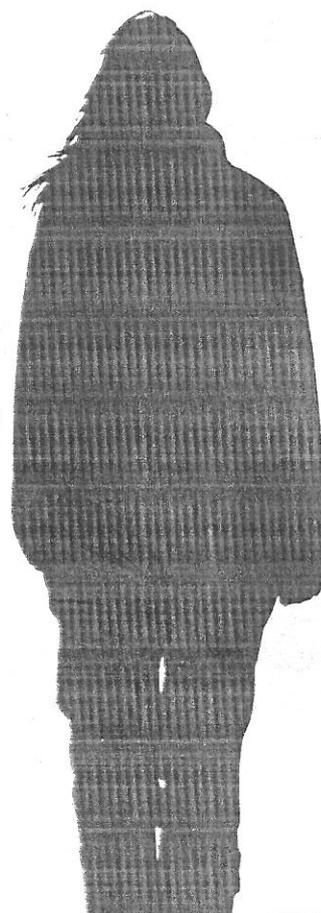


ADALBERTO DIAS DE CARVALHO (Org.)

Solidão

nos limiares da pessoa
e da solidariedade



2012 33

De como a arte nos pode consolar. Uma leitura a partir de *Um Homem na sua Humanidade* de Fidelino de Figueiredo

A arte evoca o mistério sem o qual o mundo não existiria

René Magritte

Serve-te da arte para descobrir a tua pureza

Alberto Carneiro

1. *Um homem na sua humanidade* é o título de um livro de Fidelino de Figueiredo (1889-1967), composto por seis cartas de Michele de Filippis, heterónimo do autor. Publicado em 1956, segue a temática de títulos anteriores como *Um colecionador de angústias* (1951) e é assumido como um complemento das teses expostas em *Música e pensamento* (1954).

Michele de Filippis está velho e doente, condição a que se acrescenta a solidão e um certo abandono. Não lhe interessa viver de qualquer maneira, mas também não quer morrer de qualquer forma. Não sabe exactamente quanto tempo ainda lhe resta. De Filippis pode ser qualquer um de nós quando se confrontar com a situação dele. O consolo para a vida, agora, descobre-o na arte. Elogia o poder da música para a tranquilidade da alma e acrescenta-lhe outros paliativos. Todos de via emotiva. Ao longo da vida pôde conhecer muito, adquirir vastos conhecimentos... agora, perto da sua morte, quer apenas repousar na tranquilidade que o circunda. Aprendeu a ver com os olhos da razão, doravante quer viver com a disponibilidade da emoção treinada numa anterior aprendizagem do silêncio que decorreu da sua frequência de um clube «onde conviviam e conversavam as pessoas que procuravam solidão e silêncio» (Figueiredo, 1956: 34).

A música tranquiliza a alma por um estado de arrebatamento inusitado, pelo avivar de emoções que apesar de tudo, nos suaviza depois de nos ter aumentado o ritmo cardíaco que torna os movimentos próprios do corpo mais rápidos e desconexos.

De Filippis condensa na música uma série de sensações que estão disseminadas na dança e na representação. Para si, a música reúne o disperso quando a alma se liberta do movimento e do ritmo a que a dança e a representação obrigam. A atenção, agora, é toda para o ouvido, para que o corpo apenas sinta e repouse.

2. Ao longo da vida o Homem aprende muito, entusiasma-se com as suas descobertas e o seu saber, evitando pensar no momento em que o conhecimento acumulado para nada servirá. Atarefados com as solicitações alheias caminhamos para um final que raramente somos capazes de antecipar: «muitas coisas correntias e de longa duração só as entendemos um pouco na véspera de as perder» (*ib.*: 50). A vida não deve ter cuidados, contudo, em momento algum devemos deixar de cuidar dela.

O Homem nasce e desenvolve-se e o produto final é um ser único e original que partilha o mesmo espaço e passa o mesmo tempo com tantos outros que consigo se parecem: «Os homens são produtos da terra em que se formou a sua consciência com seus alicerces profundos» (*ib.*: 52). De Filippis é um ilustrado, matemático de formação e amante da música. Tem as raízes na Europa, mas fez-se pessoa no Novo Mundo e no ocaso da vida, quando as forças lhe falharam e as capacidades diminuíram, lembrou-se apenas da felicidade da infância e sentiu-se compelido a regressar à sua terra de origem, no reconhecimento de que «basta uma infância em liberdade para criar um tipo de homem» (*ib.*: 60). A infância em que iniciamos a nossa humanização e a devoção às nossas origens é, assim, determinante para a formação do nosso carácter. Quando as forças nos abandonam, o repouso é-nos dado pelo retorno às origens, numa espécie de reconhecimento tardio da unidade voluntariamente quebrada.

3. O balanço de uma vida não se faz através dos bens conseguidos, mas sim com aquilo que aumentou «o património de inteligência, de beleza, de bem-estar e alegria da espécie humana» (*ib.*: 63). O que se amealha e a expectativa de deixar o nome associado a uma geração é um sentimento egoísta, ainda que legítimo. O que nos deve interessar no fim da nossa caminhada é «a consciência de haver cumprido um dever de solidariedade humana e um pouco de egoísmo vital, equivalente ao da planta que para se manter de Inverno, procura o sol como no Verão buscou a humidade» (*ib.*: 64). Tal obrigação é de todos e de cada um, não apenas dos bem intencionados com vista a uma recompensa futura, mas também daqueles que acreditam nada sobreviver ao finar do movimento vital com o qual se sela, para sempre, uma vida e uma obra.

Viver em consciência é ter a exacta noção de que toda a vida tem no seu termo a inexorabilidade da morte. De nada serve o lamento, para trás não se volta e a nossa memória ficará directamente associada aos nossos feitos, quer aos bons, quer aos

maus. A inteligência humana impele-nos a compreender que «a morte não é problema, é uma certeza elementar e num plano superior da inteligência e da sensibilidade um instinto; para ela devemos ir afoitamente e bem preparados pelo convencimento de haver preenchido digna e totalmente o nosso ciclo vital e pela exoneração de todos os interesses transitórios; a morte põe termo sem esperança nem apelação ao lucilar da consciência» (*ib.*: 71).

Não há esperança, mas há perseverança. É diferente praticar actos humanos ou actos anti-humanos. Fidelino/De Filippis não acredita em nada que sobreviva à morte, excepto, e ainda assim temporariamente, um «conjunto de ideias e valores» que aos poucos também hão-de perder a «validade [...] até à extinção completa» (*ib.*: 72). Desta forma a nossa vida não se explica nem pela transcendência nem tão pouco pela imanência: apenas será justificada pela existência do Outro, sem o qual, a mesma, não seria possível. Mesmo que absurda a vida tem de ser vivida, pois, a nossa existência, ainda que de forma ténue, depende do *elan vital* que nos torna co-responsáveis pela vida de todos. A arte e neste caso a música, é o lenitivo da existência e a prática do bem a obrigação que temos perante os outros.

4. Ávido do método experimental e do conhecimento científico, De Filippis continua convencido de que por muitas voltas que o conhecimento possa dar «as grandes obras da ciência e arte compreendem uma filosofia, porque nos apresentam uma sistematização do universo e da vida, e nos julgam e sugerem comportamentos humanos» (*ib.*: 81). Entende por isso que todas as artes enquanto reconfiguradoras do real se deveriam unir numa «filosofia da arte que das grandes construções desentranhasse essa visão integral e os dados intuitivos novos sobre o homem e os seus problemas de consciência e conduta, e nos formulasse critérios de apreciação do núcleo de verdade resistente em cada construção estética» (*ib.*: 83). O matemático De Filippis conclui que só por si, o conhecimento de pouco serve ao homem. Objectivar a realidade e torná-la mensurável, não lhe atenua a angústia enquanto existente ante a inexorabilidade do tempo e da degradação. Não prescinde da ciência, mesmo que a ache incompleta, mas reitera que sem a arte, a ciência seria vã: «ciência e arte, todas as formas de uma e outra são direcções do conhecimento – e do conhecimento das mesmas coisas, homem e universo» (*ib.*: 83).

A arte vai mais além que a ciência pois enquanto esta pouco ou nada diz à condição interior do homem, a arte sossega-o atenuando a angústia e o desespero ante o absurdo da existência. Em qualquer caso, a idealidade da arte prevalecerá sobre a objectividade da ciência. Quando a ciência não responde e a palavra não pode narrar, a arte impõe-se por si e faz a ponte entre o real e o que se deseja. A dor que se diz e se descreve até à exaustão, os sintomas que nos tornam pacientes ante os dados da medicina e da investigação científica, são sublimados pela arte. Para a ciência só do visível pode haver comunicação, para a emoção, só no silêncio e na contemplação se encontra a resposta

ao que mais nos interessa. A contemplação estética é o antídoto que nos acalma o corpo depois de nos tranquilizar a alma. É a aproximação de cada um com aquilo que lhe é mais próximo. A lei geral da ciência faz mal ao antídoto existencial da arte. A ciência arruma a vida por fora, enquanto a arte lhe atribui um sentido na exacta medida em que cada um a deseja e a frui. A ciência particulariza as nossas experiências enquanto a arte nos transporta a outra realidade da qual os esquemas do pensamento nos mantêm afastados. Para De Filippis, de todas as artes, a poesia, porque usa as palavras, é considerada uma arte menor, junto daquelas cuja expressão não depende do vocabulário linguístico, como sejam a música e a arte pictórica: «Os homens criaram a música para expressar o que sentiam e não podiam dizer com palavras, como criaram a pintura para expressar o que viam e não podiam dizer com palavras» (*ib.*: 91), e «A música se não é verbo do absoluto, é porta de evasão do nosso ardor do absoluto» (*ib.*: 101).

5. No decurso da vida só uma coisa parece certa, a morte. E se a vida é longa, é provável que a doença e a debilidade a antecedam. Desiludido com a vida e ante a inevitabilidade da morte, De Filippis aconselha: «Esperemo-la com ânimo forte e entendendo-a à nossa porta com paliativos. Não por prolongar um calvário, mas porque as situações de vencido são tristes. Antes as de vencedor com piedade pelos vencidos, antes o orgulho dos resistentes!» (*ib.*: 105-106). Sempre consciente de que a derradeira batalha não pode ser vencida.

Face à doença e ante o desânimo, De Filippis encoraja o seu interlocutor: «...despreze a doença com risonho aprumo! E se ela fosse mandada por algum deus perverso, desprezá-lo também!», tanto mais que «Lutar com deuses [...] nobilita os homens» (*ib.*: 106). O sentido da vida também lhe é dado pela capacidade que mostramos para debelar o sofrimento que nos visita. A vida é absurda e monótona e a nossa existência tem de a enobrecer e dar-lhe um rumo, quer seja por um impulso criativo, quer seja por uma dedicação especial a uma causa que se torne para nós essencial. Pela criação renovamos a cada instante o pacto com a existência e a tentativa de a penetrar mais a fundo. Com ela não anulamos o absurdo, mas ficamos mais perto da sua compreensão. Pelo empenho numa causa comum, tornamo-nos mais próximos dos nossos semelhantes porque podemos perceber que é muito mais aquilo que nos une do que aquilo que nos separa. Poderemos, assim, transpor um pouco o véu de Maya e ver, como anunciam os profetas, um reflexo que sem deixar de o ser, se aproxima mais da essência das coisas.

Fidelino/De Filippis recusa baixar os braços ante a inevitabilidade da morte. Rejeita a promessa religiosa de uma vida futura, mas não pensa livrar-se de qualquer dificuldade que venha a surgir: conscientemente recusa antecipar a morte ou deixar-se morrer. A adversidade exige de nós, agora e sempre, uma resistência consentida em prol da conservação da existência individual até ao último momento: «Suportar de cabeça erguida com altivez, suportar para não incorrer no castigo pior: o desprezo por

nós mesmos» (*ib.*: 108), mesmo que a doença e a angústia nos atormentem o espírito e nos cansem o corpo. O Homem, cada homem, tem a obrigação de viver como herói Édipo, Prometeu, Hércules... e tantos outros deixaram-nos o exemplo da vida: vive no limite das nossas forças, deixar uma marca própria na existência, suportar até aos últimos limites tudo aquilo que, sem o desejarmos, nos debilita física e mentalmente.

O sofrimento aparece ao nosso autor como causa da arrogância do homem e do seu comportamento de total desrespeito pela natureza: «O homem não vinha à vida para aproveitar o que a Terra espontaneamente lhe dava. Trazia mais altas ambições – destruir e dominar» (*ib.*: 110-111). Desta forma, a miséria humana não deve ser atribuída aos deuses mas sim ao Homem, pois é ele que ao afastar-se da natureza provoca todos os sofrimentos, quer físicos, quer metafísicos: «...a história do homem é a de uma guerra parricida, em que os sofrimentos se repartem por todos os indivíduos da espécie audaciosa e incontentável» (*ib.*: 111).

Temos o dever e a obrigação, pelo menos enquanto a racionalidade não nos abandonar, de nos esforçarmos «...por entender um pouco melhor o homem e o pequeno mundo que o rodeia, à luz de uma curiosidade e uma simpatia universais» (*ib.*: 114). A racionalidade é o guia da existência, espécie de bordão a que nos devemos amparar «Se a nosso mioleira vai resistindo, deixemo-la também cumprir o seu dever que é pensar, saber, compreender, prever e desculpar» (*ib.*: 115). Nos diversos recortes da nossa existência, o homem, enquanto animal racional, é um ser em ascensão «...ascensão pela fé pura de todos os credos; ascensão pela inteligência; ascensão pela bondade; ascensão pela dor; ascensão pela vitória libertadora das continências e limitações da humana condição» (*ib.*: 118).

A doença e o desespero combatem-se pelo conhecimento, pela beleza transposta para os nossos actos. A contemplação das coisas belas leva-nos um pouco mais além do que o quotidiano nos permite, consola-nos dos nossos tormentos e acalma a nossa dor. De toda a criação «...a música é a grande guia para essa disponível energia de compreensão divinatória» (*ib.*: 120), ela oferece àqueles que sofrem «...refrigério e enriquecimento moral» (*ib.*: 121). A doença serve para nos tornar presente o princípio da individuação e a sua insuficiência. Por nós somos tudo e tornamo-nos em nada. A arte pode consolar-nos na medida em que nos coloca em estreita relação com os outros, mesmo sabendo que «...o número de infelizes excederá em muito os devotos da música e da filosofia» (*ib.*: 127). A filosofia e a música não resolvem o problema da angústia e do desespero, mas enquadram-nos num todo em que se tornam mais suportáveis.

6. O velho e doente De Filippis quer agora terminar a sua correspondência. Mantendo-se firme à racionalidade, sem afastar a debilidade nem apagar a dor, ousa, ainda, criticar o idealismo extremo: «Só um idealismo extremo, como o do bispo Berkeley, pode negar a existência do que nos fere os sentidos, do mundo em que vivemos e de todo o universo» (*ib.*: 132). O ritmo do mundo diverge do ritmo do indivíduo. Não sou

eu, ou tu, ou o outro, enquanto indivíduos que representamos o que quer que seja nesse fluxo. Cada um de nós é apenas uma parte, uma ínfima parte, com a qual ou sem a qual o ritmo da existência em nada será alterado, pois «...o mundo não foi criado para nós e em função das nossas conveniências» (*ib.*: 133).

O nosso autor continua convencido de que «Fora do mundo mínimo dos sentidos e do sistema nervoso dos míseros seres vivos que povoam a terra, não há dor, nem miséria, nem injustiça, nem imperfeição» (*ib.*: 133). Porque há, então, tantas coisas más no reino humano? De certo modo, porque há um desfasamento entre o exterior e o interior dos indivíduos: «A saúde equivaleria, neste inevitável batalhar com a terra-mater, ao zero fisiológico da sensibilidade térmica. E a doença desempenharia seu papel na ordem das coisas humanas – papel variável, mas imprescindível» (*ib.*: 135). Há, assim, a percepção de que há um bom e um mau envelhecimento: «Quem envelheceu em fiel paralelismo psicofísico – desgaste no organismo e saturação na consciência – não aborrece os outros, surpreende-os com a sua renovação incessante, num ocaso variegado em cambiantes imprevisíveis – embora no fundo dessa renovação derradeira se faça sentir um certo tédio e muito desinteresse por quanto ainda determina ou estimula os outros» (*ib.*: 136-137).

Consciente da inexorabilidade da morte e do pavor que ela causa à maior parte dos indivíduos bem sucedidos, Fidelino, de forma lúcida, alerta para o facto de todos envelhecerem mas alguns confundirem o envelhecer com o durar pois ao não sentir «...a velhice como renovação ou ascensão espiritual, não amadureciam e imobilizavam-se num estilo de vida que lhes dera o triunfo e que lhes sabia bem ir explorando como um seguro capital» (*ib.*: 140-141). Na velhice há a tendência para sublimar a juventude que já não retorna e o quotidiano que já não nos consola: «...velhice e doença formam um conjunto, uma fase da existência que pode e deve elevar-nos a cumes novos. Como na juventude há uma disposição jubilosa [...] na velhice integral pode manter-se essa aventureira atitude descobridora desde que velhice se transmute em madurez, quero dizer, mais que simples duração empedernida» (*ib.*: 141). Desta forma, a debilidade é entendida em sentido positivo, uma vez que «...nos adverte a cada hora da nossa precariedade em guerra com um adversário que não se extingue nem se cansa; e imprime à vida interior ou à nossa consciência um ritmo ascensional ou compensador do declínio da máquina física» (*ib.*: 142).

A criação artística por excelência que conforta o moribundo no seu leito é para o nosso autor a música, nomeadamente aquela que «...abarca todas as filosofias e todas as religiões. Filosofias como posições vivas e militantes diante dos problemas, filosofias não delineadas sobre a base da erudição didáctica, sim hauridas nas fontes irracionais do viver quotidiano, do simples estar no mundo com os olhos abertos. As religiões também. Cada uma toma da música a parte precisa para apoio, ampliação e comentário estético do seu culto, mas desinteressa-se ou mesmo desdenha o que fica. Onde só cabe uma parte, não pode caber o grande todo; e todos os contributos dela

adoptados pelas várias religiões não recompõem, justapostos, a integridade da música – a maior das realizações humanas» (*ib.*: 143).

Fidelino/De Filippis só quer que pela música e com a arte «...o velho saiba ser velho e que o doente saiba ser doente, e que estes dois saberes confluam para uma vontade de compreensão serena, sem abdicar da inteligência e sem renunciar ao dever de acabar com dignidade» (*ib.*: 145). De forma gnósico-escatológica, na assunção de que a morte se enfrenta e se ultrapassa melhor na posse do saber e da cultura, termina: «...vale a pena ser desgraçado se a nossa desgraça, para os outros, floresce em beleza e frutifica em verdade» (*ib.*: 145).

7. Fidelino de Figueiredo partindo de um rasgado elogio ao trabalho de Einstein e de uma maneira geral às ciências exactas e seus progressos, que considera as únicas que podem fazer a descrição o mais rigorosa possível da natureza, ante a dor e o desespero que conduzem à morte, acaba por proceder a uma interpretação estética da existência. Confrontado com o rigor do conhecimento objectivo, ante o ocaso que se aproxima, não lhe resta outra alternativa senão aconselhar as artes e a filosofia como verdadeiros antídotos ao fim que se avizinha e à falta de sentido da existência humana.

Relevando o papel da criação artística, elege a música como a maior invenção humana e aquela que melhor exprime a filosofia e a religião, num laço que se revela essencial para acalmar o sofrimento, combater o desespero e abrir um horizonte de esperança para o além morte, que apesar de toda a quantificação do real, acaba, de uma forma ou de outra, por se revelar incontornável à meditação de cada um na procura de si mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIGUEIREDO, Fidelino de (1956), *Um homem na sua humanidade*, Lisboa: Guimarães Ed.